

Redescoberto Oswald de Andrade

FOLHA DE S. PAULO, ano 48, nº 13.952 - Secção Literatura, p. 5. ago. 1967.

Paulo Marcos

"O Rei da Vela", de Oswald de Andrade, é a peça escolhida — e aprovada pela censura — para a reinauguração do Teatro Oficina, no próximo dia

15. Com a estréia, o Oficina espera oferecer uma nova visão de montagem cenica brasileira e reformular os valores teatrais, para possibilitar montagens em que, além da técnica, haja ousadia. A encenação, por outro lado, permitirá a redescoberta do Oswald de Andrade dramaturgo, lançado ao esquecimento pela falta de republicação de suas obras e por certo "congelamento" a ele imposto pela maioria dos intelectuais brasileiros.

Elenco

Renato Borges, Itala Nanni, Liana Duval, Dirce Mignacchio, Etty Fraser, Fernando Peixoto, Francisco Martins, Edgar Gurgel e Otávio Augusto são os atores, que vêm ensaiando há mais de um mês. O assistente da direção é Carlos Alberto Christo e o produtor é Renato Dobal.

A música da peça está a cargo de Sérgio Ricardo, Damião Cozzella e Rogério Duprat, na parte moderna e nos arranjos das partituras de "Lo Schiavo" de Carlos Gomes.

A cenografia, os "slides" e os vestuários foram projetados por Helio Eichbauer,

novo estilo diferente para cada ato. O próprio teatro, usando do palco giratório se transformará no decorrer da encenação nos três estilos,

dentro de uma norma de um teatro fora de todos os conceitos do ser ou não ser teatro e fora do escoterismo teatral.

Não há história, não há ação no sentido de acontecer alguma coisa. A estrutura se defende e se mantém, não se movimenta para nenhum sentido.

• Ihe ca

Mas Oswald não fica af. A peça, como a sua obra alem de criticar a estrutura vigente, para ele impossível de ser mantida, expressava a esperança de um país futuro desligado dos seus centros de controle externo e consequentemente de um domínio interno marginal e degradante.

Assim "O Rei da Vela" é uma revolução de forma e conteúdo que procura exprimir a estagnação da realidade do país. Hoje, quando a arte internacional se volta para o sentido da realidade através das próprias expressões de superestrutura na qual a sociedade se projeta (revistas em quadrinhos, por exemplo), a obra de Oswald poderia ser melhor aceita e analisada. Para o Teatro Oficina, a peça é fundamental neste aspecto, e também como estimuladora da timidez artesanal do teatro brasileiro, tão distante do arrojo estético do cinema-novo — já que há um certo clima nos meios teatrais onde é flagrante a falta de coragem de dizer o que se quer e como se quer.

Obra e vida

Separar a obra da vida de Oswald de Andrade é bastante difícil e impróprio, mas fácil e melhor é ter um conhecimento da vida do escritor, de certa forma tão interessante como sua obra, dividida em romances, poesias, dramaturgia e teses sobre a literatura e a filosofia.

Antônio Cândido de Mello e Souza, livre docente da cadeira de Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, fala sobre a obra e a vida do escritor.

Embora as pessoas responsáveis conheçam a importância da obra de Oswald, ela não tinha chegado ao grande público. O que o público conhecia, quando conhecia, eram certas lendas a respeito do homem. O pouco conhecimento da obra de Oswald é devido a vários fatores, um deles é o caráter extremamente complexo da obra.

A obra de Oswald é bifurcada. Por um lado ela procura criar uma expressão nova olhando para o passado, notada pelo caráter decadentista de alguns de seus livros. Mas sua grande originalidade consiste precisamente em extraír destes aspectos decadentistas os elementos para a outra fase, totalmente renovadora." Isto deu aos escritos de Oswald um aspecto paradoxal que espantou muitos leitores. Se, por um lado, a fase que eu chamo de decadentista, à falta de

um termo melhor, está voltada para certas tradições de "Écriture Artistique", a outra está voltada para o futuro, portanto frequentemente, além de seu tempo. "As últimas experiências literárias deram a ele uma atualidade espantosa. Podemos dizer que, ao contrário dos outros modernistas brasileiros, a atualidade de Oswald é a sua posterioridade de romancista."

Revolucionário

«Oswald foi revolucionário na mais ampla extensão da palavra, mas como homem

complexo era só mesmo temido um patriarca. Assim ele teve 3 componentes radicais na vida. Primeiro as atitudes de liderança intelectual que tornaram possível o modernismo no Brasil. É o Oswald das piadas famosas contra o academicismo e o da assimilação das vanguardas europeias, do qual decorreria uma revolução no estilo. «Em segundo lugar tinha dentro de si um homem do engajamento político. Era o homem dos anos trinta e do jornal "O Homem Livre". Era o homem que transita da vanguarda estética para a vanguarda política e do modernismo para o marxismo. «O terceiro ser de Os-

wald acompanhou os outros dois em toda as horas, ou em surdina ou em alarido: o revolucionário. Este muda a cosmopolis, pesquisas as raízes primitivas do ser e da sociedade e procura destruir o que há de falso na tradição, pregando o purismo das origens. É o Oswald que tira poesia dos cronistas e das lendas indígenas. E depois o decisivo do Manifesto Antropofágico e das utopias.»

«Um homem como este — conclui o professor — transforma a realidade em mito e procura no mito o elemento cotidiano da realidade. Sendo assim é ele próprio um mito da realidade, de tal maneira

que as lendas a seu respeito (as vezes cuidadosamente cultivadas por ele próprio) o exprimem frequentemente tão bem quanto a realidade.»

Haroldo de Campos (uma das autoridades em Oswald de Andrade), demonstra o aguçamento poético de Oswald, chegando à poesia da crise poética, à poesia antipoética, com redução extrema, desmisticificadora do lirismo e do sentimentalismo inconcebíveis em uma época sintética e de técnica.

«Oswald — fala Haroldo — constrói sua obra pela moderna idéia de composição de fragmentos da realidade em um mosaico no espírito do le-

itor, dentro da corrente hoje denominada «Obra Aberta». bem atual. «Além disto, o escritor procurou uma nova visão da cosmologia, já no Manifesto Antropofágico e depois em "A Decadência da Filosofia Messianica" e "A Marcha das Utopias", chegando a uma solução comunitária dentro de uma idade de ouro tecnicizada. E em toda sua obra, desde "Os Condenados" de 1922, passando por "Memórias Sentimentais de João Miramar", "Pau Brasil", "A Estrela do Absinto", "Primeiro Caderno de Poesias", "Serafim Ponte Grande", "O Homem e o Cavalo", "A Escada Vermelha", "Marco Zero", "Poesias Reunidas", "Chão", "Ponta de Lança" e "Sob as Ordens de Mamãe", primeira parte das "Memórias de Um Homem Sem Profissão", a crítica sozinha estudo de coisas, baseada em sua cosmologia é notável.»

Vida

José Oswald de Souza Andrade, três vezes preso; casado sete, nasceu em São Paulo, em 1890, filho de pais ricos. Morreu na mesma cidade, em 1954 muito menos rico. Era formado em Direito, mas nunca se dedicou à carreira, tendo sido inclusive agredido pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Francisco, por se ter referido a elas como cancro de São Paulo, juntamente com o café, em um de seus jornais, «O Homem do Povo», nesta data empastelado.

Viou para a Europa 15 vezes, motivo pelo qual vários amigos sempre o julgavam «chegado há pouco da Europa». Quase sempre vestia roupas extravagantes, estava acompanhado por uma mulher diferente e tinha novas ideias.

Seu nome nunca esteve por longo tempo fora dos jornais desde 1917, quando publicou suas primeiras obras (duas peças em francês, de pouco valor, escritas com Guilherme de Almeida) e quando brigou com Olavo Bilac por causa da primeira exposição de pintura moderna feita por Anita Malfati, no Brasil.

Lançamento

Logo depois Oswald fez o lançamento literário de seu entâncio amigo Mário de Andrade, com a publicação da "Paulicéia Desvairada", em um artigo intitulado «O Meu Poeta Futurista», que resultou na quase expulsão de Mário de São Paulo, não concretizada por pouco.

Em 1922 veio a Semana de Arte Moderna, onde os intelectuais que a organizaram (Oswald foi um dos principais) foram criticados, vaiados e atingidos por ovos, tomates, e outros lemes no Teatro Municipal, mas fizeram a revolução de nossas artes. Pouco depois Oswald foi manchete de um jornal de São Paulo: «Jovem Milionário Raptado Estudante» (de um colégio de freiras)...

Teatro

Na década de trinta, Oswald e um dos poucos amigos com

quem nunca brigou, Flávio de Carvalho, resolvem fundar o «Teatro de Experiências» para modificar também o teatro brasileiro, inexistente na época, e promover experiências de vanguarda de toda sorte. Como não houvessem peças neste estilo, os dois resolveram escrever uma cada um. O primeiro a terminar foi Flávio de Carvalho e assim sua peça «O Bailado do Deus Morto» inaugurou o Teatro. E a polícia fechou o Teatro.

A peça de Oswald, «O Homem e o Cavalo», já estava pronta, mas não havia Teatro com disposição para encená-la. Até hoje é difícil. Mas como o autor gostou da dramaturgia, escreveu ainda «A Morta» e «O Rei da Vela», antes de voltar ao romance.

Corcovado

Com o mesmo Flávio de Carvalho, Oswald fez furor no Congresso Pan-Americano de Engenheiros e Arquitetos, quando propôs ao governo a retirada do Cristo do Corcovado, «por ser desprovido de arte e estética, um verdadeiro trambolho». Varias delegações retraram-se ante a proposta por um motivo: Flávio de Carvalho apresentaria a tese «O Homem Nu na Cidade», e as delegações eram na maioria de universidades católicas.

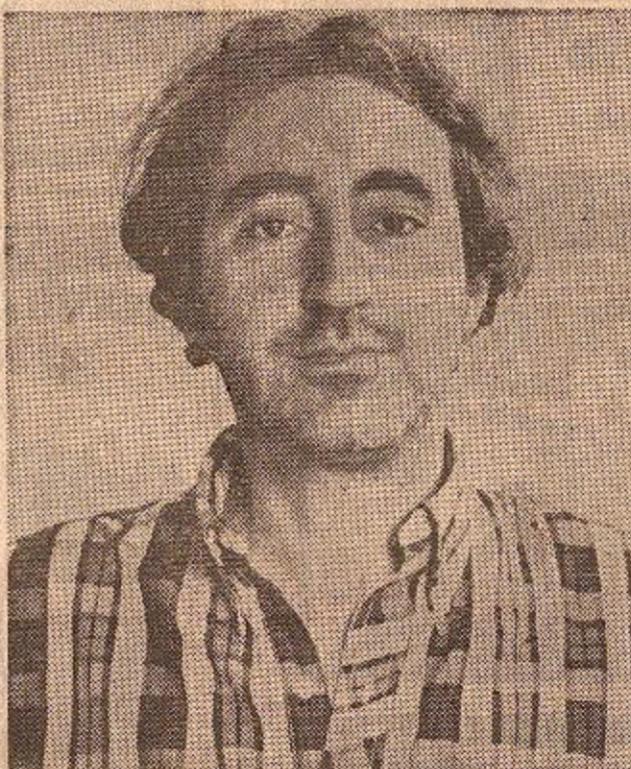
Paralelamente as histórias a seu respeito aumentavam. Suas críticas eram — e foram até o fim da vida — de uma ironia enorme. Uma que fez época foi «A Estrela Sobe e o Autor Desce», feita ao livro «A Estrela Sobe» do acadêmico Marques Rebelo. E quando perguntavam a Oswald se o nome de seu filho Rudá (Deus do Amor, em tupi-guarani) era Rodo Metalíco, respondia seriamente que sim, mas estava «muito triste» porque o Rodo anda brigando muito com o Rolando Escada Absílio, meu segundo filho».

Na década de quarenta, Oswald voltou-se para uma produção mais séria e para a regularização de sua situação econômica bastante complicada devido a seus gastos continuos e sua total despreocupação com o problema. Isto não quer dizer que as histórias a seu respeito parasse de circular, só que passaram a descrever suas brigas com certos intelectuais, cada vez maiores e mais ferrenhas.

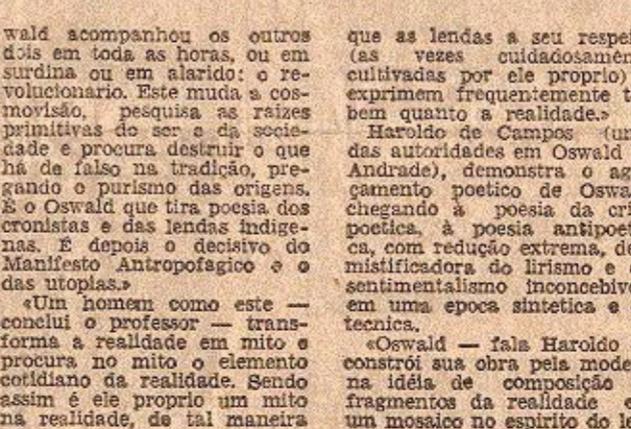
Assim foi até o fim de sua vida, em 1954, quando a morte o interrompeu em seus planos de ir — representando o Itamarati — lecionar Estudos Brasileiros na Universidade de Upsala, na Suécia, onde se aprofundaria nos estudos filosóficos e complementaria seus escritos.



Oswald de Andrade



A equipe do Oficina



O diretor José Celso